

ONIROPOÉTICA: O SONHO NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Mariana Siqueira Caldas (UFG)¹

RESUMO

Neste texto, apresento resultados obtidos em minha pesquisa de iniciação científica intitulada *Oniropoética: o sonho na criação artística*. Nessa pesquisa investigo o uso da palavra Oniropoética – termo que aparece em um artigo do campo da literatura auxiliando as narratologias de novelas russas, propondo que seja conceituada e utilizada junto a uma classificação nas artes para os trabalhos artísticos atravessados pelos sonhos. Além disso, exploro o potencial onírico do sonhar em minha prática, transformando-o em objeto de estudo e em impulsos primários ao fazer artístico.

PALAVRAS-CHAVE

Oniropoética; arte; desenho; memória; autobiografia.

Introdução

A intensidade do sonhar e das vivências desses estados alterados de consciência transborda o irreal e respinga na vigília contaminando toda minha vivência no universo artístico. Localizando-me no lugar de uma artista pesquisadora das práticas artísticas autobiográficas, percebo a importância do ato de sonhar como material a ser investigado na minha produção. Buscando reivindicar esse lugar da pesquisa embasada, da importância do universo acadêmico para a formação e percepção do artista, e analisando o fato de que essa prática também reverbera nas obras de outros artistas, investigo o termo *oniropoética* como ponto de partida para essa investigação de iniciação científica² e seus possíveis desdobramentos.

A partir desse lugar de investigação e buscas, transporto a palavra proposta para o universo artístico com sua conceituação, propondo, também, uma classificação do termo tendo como referência inicial os sonhos no processo das práticas artísticas e suas possíveis utilizações e manifestações. Para isso, sugiro a utilização dos substantivos: materialização, inspiração e sensação para descrever os objetivos almejados pelos sonhadores. Corroborando com minha proposta, analiso a obra de três artistas visuais brasileiras para exemplificar as categorias citadas, assim como aplico a proposta a minha produção artística.

Oniropoética

Apesar da tímida aparição do termo nas artes visuais, ele aparece no universo da literatura como uma forma de auxiliar as narratologias. Sua principal aparição se dá no artigo *Narratology of fictional dreams in the Russian literary Works* (SAVELYEVA et al, 2019) no qual é definido como “um campo da poética, focado na análise filológica de um sonho como um texto artístico verbal”³ (SAVELYEVA et al, 2019, p. 4, tradução nossa). A pesquisa citada busca investigar a maneira como o sonho aparece em algumas novelas russas selecionadas. Ao analisar a maneira como o onírico toma espaços nas tramas, os autores do artigo buscam separá-los, categorizá-los e classificá-los de acordo com o ponto de vista dos narradores do seguinte modo:

A narrativa neutra corresponde ao ponto de vista fictício do autor. Narrativa diegética leva em consideração tanto o ponto de vista do narrador quanto a opinião do receptor do sonho. A narrativa de sonho ficcional não diegética fixa o ponto de vista subjetivamente determinado (não o neutro) no sonho do personagem. A narrativa pessoal reflete o ponto de vista do personagem em relação ao seu sonho. A narrativa duplicada combina dois pontos de vista expressos pelos personagens, relacionados ao mesmo sonho; é considerada como a narrativa variável. A narrativa estendida é usada quando o sonho é repetido várias vezes e está fixado no texto da obra literária. A narrativa mista compreende dois ou mais pontos de vista relacionados à apresentação do enredo dos sonhos. A narrativa cumulativa (a desenvolvida) implica no uso do método do sonho dentro de um sonho.⁴ (SAVELYEVA et al, 2019, p. 14, tradução nossa).

A palavra oniropoética aparece, nos campos das artes visuais, como palavra-chave no artigo *Sonho de quarentena: processos de criação em rede em tempos de dispersão e pandemia* (RODRIGUES; SILVA, 2020) apresentado no 29º encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). No artigo, as pesquisadoras desenvolvem uma roda de sonhos virtual por meio do Instagram criando um lugar de compartilhamento coletivo. A proposta é feita para integrar a Rede Interinstitucional de Ações Coletivas de Universidades do Brasil e América Latina – RIA 40tena. Apesar das pesquisadoras não retomarem o termo durante o artigo, fica evidente a importância do sonho para as poéticas e produções abordadas.

Correlacionando essas áreas de conhecimento investigo as possibilidades de uso do mesmo termo – oniropoética – para designar as poéticas que utilizam o sonho e o

sonhar como parte fundamental de sua produção. Ao identificar a complexibilidade das análises nas novelas russas, e ao tentar transpor o termo oniropoética para o universo das artes visuais, percebi a necessidade de criar uma categorização para essa poética visto que, assim como nos dramas russos, o uso do sonho na prática artística em artes visuais pode se dar em diversos momentos e de formas diferentes, em um dos exemplos que podemos pensar seria a consciência e inconsciência presente no ato de trabalhar com o universo onírico nas produções artísticas. Desse modo, o artista ao decidir usar elementos desse momento de inconsciência – que é o sonhar, os utilizando de forma consciente no trabalho, tornam-se como os escritores russos escrevendo em estado de vigília os sonhos de suas personagens (no caso das artes visuais, os artistas se tornam tanto escritor quanto suas próprias personagens).

Comparando uma série de trabalhos artísticos e a maneira como artistas visuais são atravessados pelo onirismo, noto que existem três focos principais do sonho no processo artístico: a materialização, a inspiração e a sensação. Na materialização, o artista busca de alguma forma transformar aquele sonho em algo visualmente real. Nessa categoria, elementos essenciais ao sonho aparecem de maneira material na obra final. Já na inspiração, o sonho é usado como dispositivo ativador da prática artística, contudo apenas seus desdobramentos (ou nem mesmos esses) aparecem nas obras finais. Por último, quando a sensação do sonhar ou até mesmo elementos que nos remetam ao universo dos sonhos é o objetivo buscado pelo artista, então ele seria classificado como sensação. É importante ressaltar que, apesar de criar aqui três formas para me referir aos processos de criação com os sonhos, assim como ocorre na literatura russa estudada, os sonhos podem ser usados em diversos momentos passeando pelas categorias propostas, integrando-as em sua totalidade ou parcialidade. Para amparar tais análises busquei, entre os artistas que me atravessam, exemplos dos três grupos propostos. Apesar da quantidade de artistas que utilizam o sonhar como fonte de suas práticas, decidi destinar este espaço de escrita para uma revisitação a três colegas que desenvolvem pesquisa em arte em âmbito acadêmico: Manuela Costa, Seph Lotus e Louise Shizue Kanefuku.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Manuela Thayse Costa Silva estudou a maneira como seus sonhos interferiram em sua produção naquele momento, em 2017. Inicialmente, ela utilizou um caderno ao qual denomina

Sonhário (COSTA SILVA, 2017, p.15) para registrar seus sonhos durante um período de tempo delimitado. Posteriormente, ao identificar diferentes elementos que surgiam em suas vivências noturnas, a artista decidiu investigar mais a fundo o elemento água. Amparada pelo livro e as análises em *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, de Gaston Bachelard (1998), correlacionado com a psicologia analítica Jungiana, a pesquisadora vem desenvolvendo trabalhos sobre as diferentes formas dessa água onírica. Esse elemento que aparece em diferentes sonhos registrados em seu diário rompe com o objetivo de conclusão da pesquisa e transborda, permanecendo em sua produção artística até os dias atuais (Figura 1).

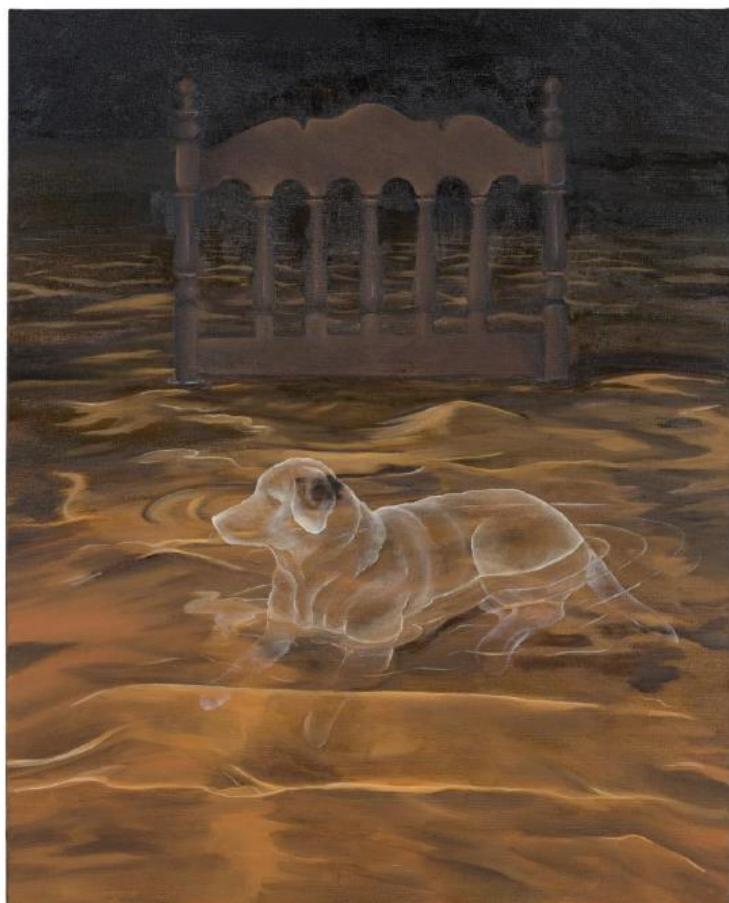


Figura 1. Manuela Costa, *Cachorro do Rio*, 2020. Óleo sobre tela, 80 x 100 cm. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CJtPqGinGUI/>.

As águas poéticas de Bachelard também conduzem a produção de outra artista visual. Lygia Stephanny Gomes da Silva, sob o nome de Seph Lotus, é inspirada pelas vivências noturnas em sua produção que, em uma análise posterior, também

deságua em um TCC em que a artista utiliza a fotografia como forma de expressar suas vivências oniropoéticas.

Em sua obra, Seph Lotus utiliza a fotografia experimental como uma forma de sonhar e de transpor esse sonho. Na série *Água Viva* (Figura 2), ela utiliza seu próprio corpo para atrair as águas oníricas para o seu trabalho. O sonho em sua produção se apresenta como fonte intensa de inspirações e devaneios que a acompanham em sua pesquisa artística.

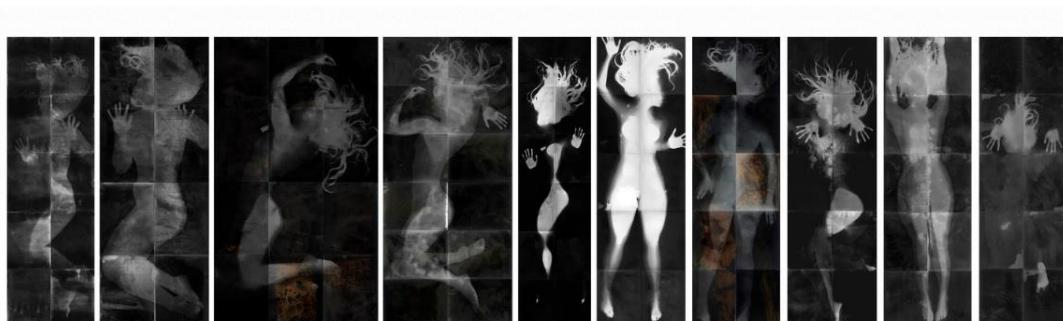


Figura 1. Steph Lotus, Série *Água Viva*, 2014-2017. Fotograma, papel fotográfico, 200 X 60 cm.
Fonte: <https://fotografialotus.46graus.com/fotografia-sem-camera/>.

A artista Louise Shizue Kanefuku também utiliza o mesmo elemento – água – em sua produção, contudo ele não aparece na obra final. O que temos ao sermos atravessados por seus desenhos é a sensação que havia algo ali, quase como um sonho do qual acordamos. A sensação onírica pode ser vista em sua obra *Estudo sobre a Insônia VI* (Figura 3).



Figura 2. Louise Kanefuku. *Estudo sobre a insônia VI*, 2015. Desenho em grafite e lápis aquarelável sobre papel. 150 x 450 cm. Fonte: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/139996>.

Movida pelo pensamento bachelardiano e de seus apontamentos da água como elemento transitório (BACHELARD, 1998, p.6) junto as provocações e trocas ocorridas dentro do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/UFG/CNPq), busco, sob o nome Eugenia Sulcata, produzir desenhos explorando o potencial poético dos meus próprios sonhos banhados pelas águas de Bachelard. A obra autoral *A chegada de Morfeu* (Figura 4) é resultado dessa pesquisa correlacionada com uma conversa que se iniciou com o convite da Revista Nós para um ensaio visual (RODRIGUES; COSTA, 2021) sobre o fazer artístico no contexto pandêmico. Nesse projeto cada integrante do grupo direcionou a outro membro uma palavra potencializadora. Provocada pelo substantivo *imensidão*, comecei um processo de pensar o imenso como as águas que invadem meus sonhos quando meu inconsciente não consegue preencher lacunas durante o sonhar. Em uma tentativa de criar um cenário existente, ele me joga em um imenso oceano ao qual lentamente me afundo. Nesse momento de condução ao mundo de vigília me torno a imensidão do oceano que, ainda que exista, representa a não existência. No desenho, torno-me esse oceano e puxo sua imensidão e intensidade para serem respingadas em meu trabalho.



Figura 3. Eugenia Sulcata, *A chegada de Morfeu*, 2020, caneta esferográfica sobre papel, 29,7 x 42 cm.

Em outro momento, buscando a materialização desse momento de passagem do mundo onírico para o mundo de vigília, abraçado pelas águas bachelardianas, crio a tríade *Processo de afogamento* (Figuras 5, 6 e 7), no qual considero o ato de afogar como o acordar. Este trabalho é um desdobramento da obra anterior assim como da minha pesquisa de iniciação científica cujos resultados foram apresentados tanto no grupo de pesquisa NuPAA, quanto na disciplina Laboratório de Práticas Autobiogeográficas, ministrada na FAV/UFG.

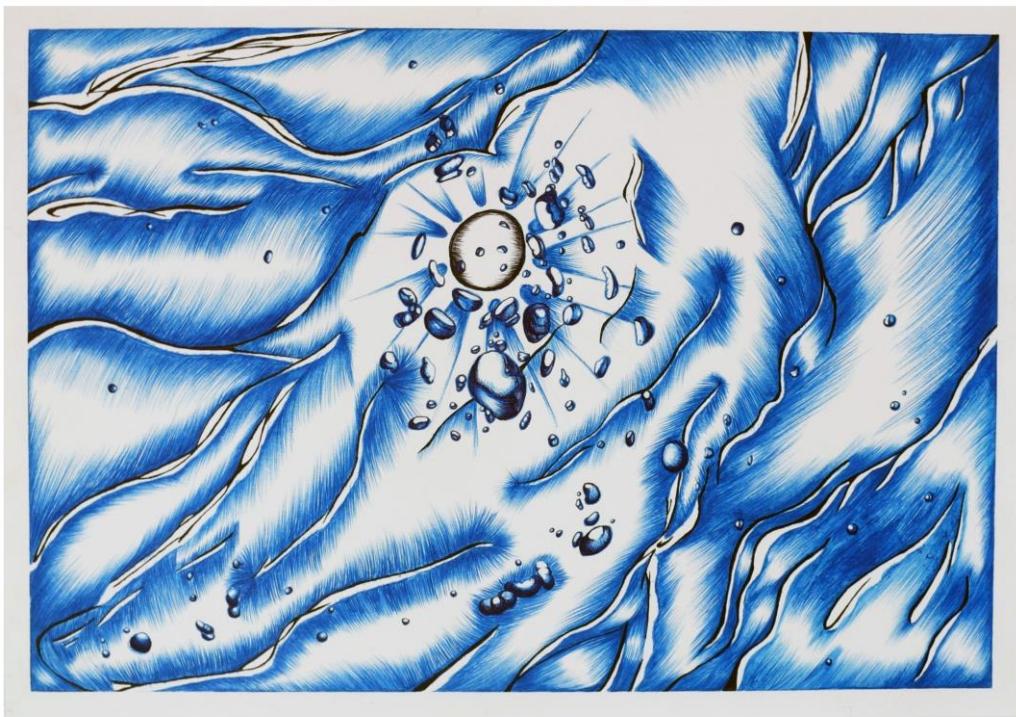


Figura 5. Eugenia Sulcata, *Processo de Afogamento I*, 2020, caneta esferográfica sobre papel, 29,7 x 42 cm.



Figura 6. Eugenia Sulcata, *Processo de Afogamento II*, 2020, caneta esferográfica sobre papel, 21 x 29,7 cm.



Figura 7. Eugenia Sulcata, *Processo de Afogamento III*, 2020, caneta esferográfica sobre papel, 14,8 x 21 cm.

Considerações Finais

Ao convocar tais artistas para minha pesquisa – que também é banhada pelas águas bachelardianas (BACHELARD, 1998), busco reconhecer e reivindicar o lugar da oniropoética como fonte de extensas produções e desdobramentos nas artes visuais. Para isso, proponho três formas de perceber o sonho na criação artística: a materialização, a inspiração e a sensação. Percebo também, em minha prática artística, que o sonho é um lugar que já vem sendo habitado e no qual me demoro em estudos e experimentos para levar ao universo acadêmico as potencialidades desse ato de sonhar. Ainda consumida pelas águas frias das profundezas do meu inconsciente busco um pouco do alento onírico no mundo da vigília através da minha prática artística. A partir desse lugar deixo que o oceano me abrace e conduza às próximas pesquisas para um lugar ainda não tão explorado do meu subconsciente.

¹ Mariana Siqueira Caldas é graduanda do curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) na Universidade Federal de Goiás (UFG). Integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NUPAA/UFG/CNPq) desde 2020, a artista desenvolve pesquisas no campo da autobiografia voltadas ao universo dos sonhos e da memória. Email: marianasiqueiracaldas@gmail.com.

² Sou estudante integrante do Programação de Iniciação à Pesquisa Científica, Tecnológica e em Inovação, coordenado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Desenvolvo o plano de trabalho PV01208-2017/5 intitulado *Oniropoética: o sonho na criação artística*, com vigência de agosto de 2020 a julho de 2021, sob orientação da professora Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues.

³ “Oneiropoetics is a field of poetics, focused on the philological analysis of a dream as a verbal artistic text” (SAVELYEVA et al, 2019, p. 4)

⁴ “Neutral narrative corresponds to the fictive author’s viewpoint. Diegetic narrative takes into account both the narrator’s viewpoint and the opinion of the dream recipient. Non-diegetic fictional dream narrative fixes the subjectively determined viewpoint (not the neutral one) on the character’s dream. Personal narrative reflects the

character's viewpoint regarding his dream. The doubled narrative combines two viewpoints expressed by the characters, related to the same dream; it is regarded as the variable narrative. The extended narrative is used when the dream is repeated several times, and it is fixed in the text of the literary work. The mixed narrative comprises two or more viewpoints related to the presentation of the dream plot. The cumulative (the developed) narrative implies the use of dream within a dream method." (SAVELYEVA *et al*, 2019, p. 14).

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- COSTA SILVA, Manuela Thayse. **Mar de Dentro**: do onírico ao poético. 2017. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- SAVELYEVA, Vera V *et al*. Narratology of fictional dreams in the Russian literary Works. *In: Revista Luz*, v. 34. N. 86-2, 2019. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/opcion/article/view/30397>. Acesso em: 20 maio. 2021.
- SHIZUE KANEFUKU, Louise. **A Água, O Sonho e a Insônia**: Possibilidades poéticas no desenho. 2015. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Artes Visuais, Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.
- SILVA, Lygia Stephanny Gomes da. **A fotografia como Observatório do Corpo**: entre o Onírico e o Real. 2017. 69 f. Trabalho de Conclusão de curso – Licenciatura em Artes Visuais, Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.
- RODRIGUES. Manoela dos Anjos Afonso; COSTA, Odinaldo. Nós-Isolados: Práticas Autobiográficas do Existir. *In: Revista Nós: cultura, estética e linguagens*, v. 6, n. 1, 2021, p. 12-44. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/11234>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; COSTA SILVA Manuela Thayse. Sonho de quarentena: processos de criação em rede em tempos de dispersão e pandemia. *In: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICA*, 29º, 2020, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: ANPAP, 2020. p. 3030-3050. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2020/pdf/Manoela_dos_Anjos_Afonso_Rodrigues_e__Manuela_Thayse_Costa_Silva_ANPAP_2020_ArtigoFinal-274.pdf. Acesso em: 20 maio. 2021.